

## UMA VERSÃO TRANSFORMACIONAL, DA ELIPSE. O APAGAMENTO EM HARRIS

Cathérine FUCHS\*

Tradução de Letícia M. REZENDE\*\*

---

*RESUMO: A sintaxe transformacional de Harris não menciona a noção de elipse, mas reserva um lugar explícito e um tratamento específico aos fenômenos conhecidos como apagamento (cuja tipologia esboçaremos no §1). Essa abordagem dos "fenômenos de apagamento" remete a um conjunto de questões teóricas semelhantes às levantadas pelo recurso tradicional à noção de elipse (§2).*

*UNITERMOS: Apagamento; elipse; transformações; parafrásticas.*

---

Desde 1968, quando, pela primeira vez, Harris apresenta uma versão de conjunto de seu modelo (*Mathematical Structures of Language: MSL*), ele trata o apagamento em termos de transformação parafrástica, e esse tratamento encontra-se em 1976 nas *Notas do Curso de Sintaxe: NCS*. Esse último trabalho constituirá a nossa mais importante referência durante este artigo. (NB: fomos nós quem sublinhamos as palavras nas citações).

Transformação parafrástica, ou, em outras palavras, o apagamento, nada mais é do que uma reorganização menor no plano da forma, que intervém no momento em que se estabelece a estruturação sintática (1), e não modifica o sentido. O apagamento assemelha-se, em certos casos, à pronominalização (2) e distingue-se da permutação (3), que é uma outra transformação parafrástica.

### 1. OS DIFERENTES TIPOS DE APAGAMENTO

Esquemmatizando, diríamos que Harris distingue dois grandes tipos de apagamento: os apagamentos de elementos repetidos, quer dizer, com informação nula, e os apagamentos de elementos pouco informativos (4).

---

\* C.N.R.S., R.C.P. 665: E.L.S.A.P. Agradecemos-lhe a permissão para publicar a tradução deste artigo em nossa revista.

\*\* Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – 14800 – Araraquara – SP.

### 1.1. Apagamentos de elementos repetidos (N. C. S., pp. 101-109)

Nos “discursos de concatenação”, fontes das transformações parafrásticas, as repetições são assinaladas com ajuda de operadores de “meta-discurso”<sup>5</sup>. Se o apagamento de elementos repetidos é, sob certas condições, possível, é devido ao fato de que é “o operador de meta-discurso quem estabelece que uma ocorrência de uma dada palavra é a repetição de uma outra *reduzida a zero a informação* trazida pela ocorrência dada” (N. C. S., p. 105).

As construções apresentadas que permitem tais apagamentos são as seguintes:

a) conjunções, disjunções e justaposições intra e inter-frásticas, por exemplo: *Jean a vu Marie et Jean a appelé Maria* → *Jean a vu et appelé Marie*; *I wrote a letter. He Will write a letter later* → *I wrote a letter. He will later\**. (cf. em Português: *João viu Maria e João chamou Maria*);

b) comparativas, por exemplo: *Les hommes lisent des livres qui sont plus que les livres que les femmes lisent* → *Les hommes lisent plus de livres que les femmes*. (cf. em Português: *Os homens lêem livros que são mais que os livros que as mulheres lêem* → *Os homens lêem mais livros do que as mulheres*.)

c) outras construções complexas, por exemplo: *John's leaving early was due to Mary's leaving early* o *John's leaving early was due to Mary's*; *John's likes for himself to be first* → *John's likes to be first*; *Jean ordonne à marie que Marie parte* → *Jean ordonne à Marie de partir*. (cf. em Português: *A partida de João cedo foi devido à partida de Maria cedo* → *A partida de João cedo foi devido à de Maria*. *João gosta para si de ser o primeiro* → *João gosta de ser o primeiro*. *João ordena à Maria que Maria parta* → *João ordena à Maria que parta*.)

### 1.2. Apagamento de elementos pouco informativos

Harris distingue dois tipos de elementos “pouco informativos”: as “constantes” e as “palavras apropriadas”.

#### 1.2.1. Os apagamentos de constantes (N. C. S., pp. 109-113)

“Existem palavras que, em todas as suas ocorrências ou em contextos particulares, *não impõem seleção* a seus argumentos ou a seus operadores. Nessas situações, essas

---

\* Quando traduzimos o exemplo do inglês “*I wrote a letter. He will write a letter later* → *I wrote a letter. He will later*” para o Português, com o objetivo de explicitar o “apagamento”, produzimos uma construção a-gramatical: “*Eu escrevi uma carta. Ele escreverá uma carta mais tarde* → *Eu escrevi uma carta. \*Ele ( ) mais tarde*.”

Por outro lado, a boa tradução em Português esconde o problema que o exemplo do inglês quer mostrar: “*Eu escrevi uma carta. Ele o fará mais tarde*.”

A construção em Português “*Eu cheguei às oito horas. E ele depois*” aproxima-se do exemplo em inglês, embora implique outros problemas (N. T.)

palavras funcionam como *constantes* que não introduzem *nenhuma informação* no ponto do discurso onde elas aparecem; em várias posições de frases, elas podem ter a variante zero” (N. C. S., p. 109)

Mostraremos quatro casos:

a) apagamento do nome ou pronome indefinido (*uma coisa, qualquer coisa, coisas, alguém, não importa o quê...*) em função de objeto e às vezes de sujeito, por exemplo: *Il lit des choses* o *Il it*; *Je regarde des gens jouer aux échecs* → *Je regarde jouer aux échecs*; *Un groupe qui comprend Jean et qui comprend Max et qui comprend Marie s’est rassemblé* → *Jean, Max et Marie se sont rassemblés*. (cf. em Português: *Ele lê coisas* → *Ele lê*; *Estou vendo pessoas jogarem xadrez* → *Estou vendo jogarem xadrez*; *Um grupo composto de João, composto de Max e composto de Maria se reuniu* → *João, Max e Maria se reuniram*). (N. B. É a palavra *grupo* que é apagada como “constante” e *composto* é apagada enquanto palavra que lhe é “apropriada”).

b) apagamento da seqüência *que é*, por exemplo: *Le livre qui est bleu est arrivé* → *Le livre bleu est arrivé*; *L’homme qui est là-bas* → *L’homme là-bas*; *Mon ami qui est l’ambassadeur* → *Mon ami l’ambassadeur*. (cf. em Português: *O livro que é azul chegou* → *O livro azul chegou*; *aquele homem que está ali* → *aquele homem ali*; *Meu amigo que é embaixador* → *Meu amigo embaixador*).

c) apagamento da fonte *EU TE/VOS digo/relato*, ou *N diz a M*, no começo e em qualquer ponto intermediário do discurso, por exemplo: *Le Monde a rapporté que ce crétin de A. B. n’allait pas démissionner* → *Le Monde a rapporté que A. B., que j’ai dit être un crétin, n’allait pas démissionner*. (cf. em Português: “*Le Monde*” *relatou que esse cretino de A. B. não ia se demitir* → “*Le Monde*” *realtoou que A. B., que eu digo ser um cretino, não ia se demitir*). Harris qualifica *eu te digo* de “operador que aparece, no início de qualquer discurso e em vários pontos intermediários, e que é apagável, enquanto constante, uma vez que exerce *dupla função e não exige seleção*” (N. C. S., p. 112).

d) apagamento de um morfema que constitui uma parte do traço descontínuo de um operador, cuja parte residual atesta ainda a presença de tal operador, por exemplo: *Jean s’est promené avant* o *Jean s’est promené* (cf. em Português: *João passeou antes* o *João passeou*).

### 1.2.2. Apagamento de palavras apropriadas (N. C. S., pp. 113-124)

“Em certas combinações operadores-argumentos, nos encontramos em presença de uma situação muito importante: um dos participantes possui um estatuto único em relação ao outro; na maior parte dos casos é a possibilidade de “estar afastado” a mais comum. Falaremos então, em *palavra apropriada* com operador ou argumento dado. Nessa situação, a palavra apropriada não traz *absolutamente nenhuma informação* na frase resultante, ela pode, pois, ter zero como variante” (N. C. S., p. 113).

Mostraremos sete casos:

palavras funcionam como *constantes* que não introduzem *nenhuma informação* no ponto do discurso onde elas aparecem; em várias posições de frases, elas podem ter a variante zero” (N. C. S., p. 109)

Mostraremos quatro casos:

a) apagamento do nome ou pronome indefinido (*uma coisa, qualquer coisa, coisas, alguém, não importa o quê...*) em função de objeto e às vezes de sujeito, por exemplo: *Il lit des choses* o *Il it*; *Je regarde des gens jouer aux échecs* → *Je regarde jouer aux échecs*; *Un groupe qui comprend Jean et qui comprend Max et qui comprend Marie s’est rassemblé* → *Jean, Max et Marie se sont rassemblés*. (cf. em Português: *Ele lê coisas* → *Ele lê*; *Estou vendo pessoas jogarem xadrez* → *Estou vendo jogarem xadrez*; *Um grupo composto de João, composto de Max e composto de Maria se reuniu* → *João, Max e Maria se reuniram*). (N. B. É a palavra *grupo* que é apagada como “constante” e *composto* é apagada enquanto palavra que lhe é “apropriada”).

b) apagamento da seqüência *que é*, por exemplo: *Le livre qui est bleu est arrivé* → *Le livre bleu est arrivé*; *L’homme qui est là-bas* → *L’homme là-bas*; *Mon ami qui est l’ambassadeur* → *Mon ami l’ambassadeur*. (cf. em Português: *O livro que é azul chegou* → *O livro azul chegou*; *aquele homem que está ali* → *aquele homem ali*; *Meu amigo que é embaixador* → *Meu amigo embaixador*).

c) apagamento da fonte *EU TE/VOS digo/relato*, ou *N diz a M*, no começo e em qualquer ponto intermediário do discurso, por exemplo: *Le Monde a rapporté que ce crétin de A. B. n’allait pas démissionner* → *Le Monde a rapporté que A. B., que j’ai dit être un crétin, n’allait pas démissionner*. (cf. em Português: “*Le Monde*” *relatou que esse cretino de A. B. não ia se demitir* → “*Le Monde*” *realtoou que A. B., que eu digo ser um cretino, não ia se demitir*). Harris qualifica *eu te digo* de “operador que aparece, no início de qualquer discurso e em vários pontos intermediários, e que é apagável, enquanto constante, uma vez que exerce *dupla função e não exige seleção*” (N. C. S., p. 112).

d) apagamento de um morfema que constitui uma parte do traço descontínuo de um operador, cuja parte residual atesta ainda a presença de tal operador, por exemplo: *Jean s’est promené avant* o *Jean s’est promené* (cf. em Português: *João passeou antes* o *João passeou*).

### 1.2.2. Apagamento de palavras apropriadas (N. C. S., pp. 113-124)

“Em certas combinações operadores-argumentos, nos encontramos em presença de uma situação muito importante: um dos participantes possui um estatuto único em relação ao outro; na maior parte dos casos é a possibilidade de “estar afastado” a mais comum. Falaremos então, em *palavra apropriada* com operador ou argumento dado. Nessa situação, a palavra apropriada não traz *absolutamente nenhuma informação* na frase resultante, ela pode, pois, ter zero como variante” (N. C. S., p. 113).

Mostraremos sete casos:

a) O apagamento de “objetos óbvios de certos verbos”, por exemplo: *Jean attend que Max soit ici* → *Jean attend Max*. (cf. em Português: *João espera que Max esteja aqui* → *João espera Max*.).

b) a constituição de um nome composto N2 – N1 a partir de uma estrutura N1 Kw – é Prep/Adj. verbal N2 (onde Kw – é – é apagado como constante e Prep/Adj. verbal como palavra apropriada), por exemplo: *books which are for school* → *school books*; *man who is special for milk* → *milkman*;\* *a chair which is made of metal* → *a metal chair*\*\*; *a vase which is of the type ming* → *a ming vase*. (cf. em Português: *livros que são para escola* → *livros escolares*. *Uma cadeira que é feita de ferro* → *uma cadeira de ferro*. *Um sapato que é do tipo Luiz XV* → *Um sapato Luiz XV*).

c) apagamento dos argumentos indefinidos dos operadores comparativos (de quantidade, de grau, de tempo, ...), por exemplo: *Ils marchent en une quantité qui est plus que a quantité selon laquelle ils courent* → *Ils marchent plus qu'ils ne courent*; *Son travail a duré pendant une période qui est avant l'instant où elle arrive* → *Il a travaillé avant qu'elle n'arrive*. (cf. em Português: *Eles andam um tanto que é mais do que o tanto que eles correm* → *Eles andam mais do que correm*; *Seu trabalho foi durante um período que é antes do momento quando ele chega* → *Ele trabalhou antes dele chegar*).

d) apagamento de operadores que, em relação a um de seus argumentos, são “o mais verossímil”, por exemplo: *to last* em relação a uma palavra designando uma porção de tempo, como em: *His speaking which lasted two hours was before* → *He spoke lasting two hours* → *He spoke for two hours* (forma reduzida de *lasting*) → *He spoke two hours* (forma apagada.) (cf. em Português: *Sua fala que durou duas horas (foi antes)* → *Ele falou durante duas horas* → *Ele falou por duas horas* → *Ele falou duas horas*.)

e) apagamento de “operadores classificadores inteiramente determinados por seus argumentos e pelo operador que os comandam”, por exemplo: *Le mot aime a quatre lettres* → *Aime a quatre lettres*. (cf. em Português: *a palavra ama tem três letras* → *ama tem três letras*.)

f) apagamento dos operadores de asserção, de interrogação e de ordem empregados performativamente, por exemplo: *Je te dis qu'il vient* → *Il vient*; *Je te demande:*

*Vient-il? Vient-il?; Je t'ordonne: Viens!* → *Viens!* (cf. em Português: *Eu lhe digo que ele vem* → *Ele vem*; *Eu lhe pergunto: ele vem?* → *Ele vem?*; *Eu lhe ordeno: venha!* → *Venha!*.)

\* A tradução do exemplo, “*man who is special for milk*” → *milkman*”, para o português é difícil. A língua inglesa e a língua portuguesa têm, para o exemplo em questão, processos gerativos diferentes. A tradução literal seria: *O “x”, que é especialista em leite* → *leite (x)* → *leiteiro*. O que é interessante notar para o texto em questão, é a existência da predicação “que é especialista em” subjacente ao processo de sufixação (Português) ou justaposição (Inglês) que foi apagada (N. T.).

\*\* “*A chair which is made of metal*” → *a metal chair*” foi adaptado para o Português por “*cadeira de ferro*” sem prejuízo para o problema teórico do texto, que é o apagamento da predicação (N. T.).

Segundo Harris, esses operadores performativos são “apagáveis, enquanto partes únicas performativamente *apropriadas* às três entonações que elas impuseram respectivamente a seus terceiros argumentos” (N. C. S., p. 123)

g) apagamento de frases ligadas por *Qu* a uma outra frase cujo papel é a experiência do conteúdo, por exemplo: *Le clou dont je te parle ne tiendra pas* → *Ce clou ne tiendra pas*. (cf. em Português: *O prego de que eu estou falando não se manterá* → *O prego não se manterá*.)

## 2. APAGAMENTO E ELIPSE

A aplicação da transformação de apagamento defronta-se com o mesmo conjunto de questões teóricas encontradas pelo recurso tradicional à noção de elipse, ainda que as respostas obtidas sejam parcialmente divergentes.

### 2.1. Limites do campo de aplicação

O campo de aplicação da transformação de apagamento cobre certos casos que são mais ou menos tratados classicamente como *sintáticos*, mas também fatos de ordem *enunciativa*. A originalidade de Harris reside no tratamento unificado que ele dá dessas duas ordens de fatos: através de sua teoria dos *operadores*, ele reduz a heterogeneidade dos fatos a uma apresentação homogênea que efectua concatenações de *predicações*.

Do ponto de vista *sintático*, a transformação de apagamento aplica-se a certos casos mais ou menos tratados classicamente em termos de elipse gramatical (apagamento do sujeito, do verbo ou do objeto repetido em uma das proposições elementares constitutivas de uma proposição complexa, apagamento do objeto indefinido dos verbos transitivos construídos intransitivamente, ou do sujeito indefinido dos infinitivos, apagamento da cópula nas construções epítetas ou apositivas, ...), quer dizer, a uma série de construções julgadas gramaticalmente incompletas, e devendo ser regularizadas por restituição da estrutura canônica da proposição. Mas o apagamento cobre também outros casos (como a derivação de uma construção simples de um verbo a partir de uma outra construção desse mesmo verbo, encaixando uma segunda predicação, ou, a de nomes compostos, a partir de uma estrutura predicativa). Como esses casos não são classicamente tratados em termos de elipse, não manifestam nenhuma incompletude aparente, do ponto de vista dos esquemas morfo-sintáticos, são, para Harris, a ocasião de efetuar também uma regularização pela atribuição de uma fonte predicativa apagada.

No que diz respeito ao domínio *enunciativo*, o recurso ao apagamento permite restituir, além de seus traços morfemáticos (e entonativos), as operações subjacentes (modalidades da asserção, quantificação, determinação, temporalidade, ...) constitutivas de categorias enunciativas; essas fontes são também reconstituídas em termos de predicações e apresentam-se como glosas metalingüísticas em língua natural das operações em jogo.

Vemos que a transformação de apagamento converge para o campo dos fatos tradicionais de elipse gramatical, mas vai muito além. Isso se explica, sem dúvida, pelo fato de que a estrutura desenvolvida (o discurso de concatenação), fonte da qual todas as outras estruturas são derivadas, não se situa no plano morfo-sintático, mas no plano predicativo: essa diferença na escolha do esquema canônico de referência produz, evidentemente, conseqüências sobre a natureza dos objetos que a teoria se propõe regularizar.

Ainda, como no caso da elipse, o apagamento é efetuado com fins de *regularizações* das seqüências, que são todas postuladas derivar de uma fonte predicativa “não-restrita”, quer dizer, livre de toda restrição de seleção. A lógica de um tal procedimento conduz a procurar sempre mais longe fontes desenvolvidas atrás das estruturas, mesmo aquelas que aparentemente são as mais simples: nenhum limite *a priori* é imposto aos fatos de apagamento.

## 2.2. As Causas

Elas são, para Harris, fundamentalmente, de ordem sintática: são as propriedades de *seleção* de certos operadores (ou argumentos) em relação a seus argumentos (ou operadores), bem como as suas propriedades de *co-ocorrência* com outros elementos do discurso que tornam operadores (ou argumentos) em elementos apagáveis.

Essas causas sintáticas produzem efeitos *semânticos*: os elementos apagáveis têm um alto grau de *plausibilidade* de ocorrência, eles são “evidentes” para o ouvinte e a sua contribuição em *informação é quase-nula*: É por essa razão que eles admitem uma forma “reduzida” (Zero).

## 2.3. As condições de aplicação

O elemento apagado deve sempre poder *ser restituído* a partir do contexto: “Os apagamentos não constituem perdas de elementos irrecuperáveis” (N. C. S., p. 57).

Mas a forma restituída não é sempre única; é o problema das ambigüidades. De fato, em oposição às transformações de vinculação e de permutação, que produzem “variantes unívocas” (uma variante corresponde a uma forma), as transformações de pronominalização e apagamento constroem “variantes plurívocas” (uma variante pode corresponder a n formas): “as formas pronominais e zero de cada variante podem ser afetadas por vários operadores e argumentos, independentemente do fato de que, em uma frase dada, pode ser ou uma palavra particular ou uma seqüência de palavras particulares que assume a variante. Podem resultar disto algumas ambigüidades (...) no caso do apagamento, elas somente aparecem se uma nova seqüência operador-argumento puder reconstituir a mesma seqüência de palavras após o apagamento dado” (N. C. S., p. 124).

Exemplos de casos de ambigüidade assinalados por Harris a respeito do apagamento: *Il a projeté d'y aller et elle ne voulait pas (y aller/projeter d'y aller)* (N. C. S., p. 102); *Jean offre à Marie de partir (que Jean parte/que Marie parte)* (N. C. S., p. 107); *Paul a quatre lettres (le mot "Paul"/l'individu Paul)* (N. C. S., p. 122) (cf. em Português: *Ele planejou ir lá e ele não queria (ir lá/ planejar ir lá)*; *João propõe a Maria de partir (que Maria parta ou que João parta)*; *Paulo tem cinco letras (a palavra "Paulo")/ o indivíduo Paulo*).

Podemos notar que é a transformação (de apagamentos ou de pronominalização) enquanto tal que produz a ambigüidade: os discursos de concatenação estão isentos disto, e é a transformação que produz "efeitos de degeneração" (desaparecimento de uma parte de informação), donde resultam as ambigüidades (N. C. S., p. 57).

Se a existência das ambigüidades obriga restituir várias fontes, não é tão evidente que essa restituição seja, em princípio, sempre possível. "Há além de tudo uma escolha restrita e definida de fontes para os apagamentos e nunca uma indeterminação geral sem relação ao que desapareceu" (N. C. S., p. 43, Nota 1).

Portanto, a restituição das fontes não é sempre evidente, mesmo em se tratando de seqüências não ambíguas. Eis alguns exemplos de hesitações encontradas na própria prática de Harris: *Jean attend Max* deriva de *Jean attend que Max soit ici* (N. C. S., p. 114), mas também de *Jean attend que Max vienne* (p. 59); *Il lit Shakespeare* deriva de *Il lit les écrits de Shakespeare* ou de *Il lit les choses Shakespeare a écrites* (p. 114); *Ce clou ne tiendra pas* deriva de *Le clou dont je te parle...* ou de *Le clou que nous manipulons...* (p. 124). (cf. em Português *João espera Max*, origina-se de *João espera que Max esteja aqui*, mas também de *João espera que Max venha*; *Ele lê Shakespeare*, deriva-se de *Ele lê escritos de Shakespeare* ou *Ele lê as coisas que Shakespeare escreveu*; *Este prego não se manterá* deriva-se de *O prego do qual eu estou falando* ou *o prego que nós estamos manipulando...*). Harris nota que "em certos casos, a escolha de um operador em lugar de um outro próximo como "fonte" de uma transformação particular, é arbitrária" (N. C. S., p. 38) e, a respeito das palavras compostas, ele observa que "as palavras apropriadas que são apagadas não podem ser sempre reconstituídas com certeza, sobretudo quanto a forma não-composta é rara (N. C. S., p. 115).

#### 2.4. A relação com a ausência

Para Harris, o zero existe, não somente do ponto de vista funcional (cf. a posição estruturalista clássica), mas do ponto de vista da própria forma: nenhum elemento é verdadeiramente ausente, e o zero constitui apenas uma "forma fonética reduzida":

"Todos os apagamentos são variantes de forma (constituídos de fonema zero) para as palavras que os substituem. Empregaremos essa formulação no lugar da forma habitual segundo a qual uma palavra desapareceu, porque a presença da palavra e sua identidade podem ser reconstituídas a partir de seus operadores e argumentos no discurso dado. Assim a própria palavra não desaparece, e a única mudança vem do fato de que não é diretamente vista ou ouvida. Não existirá, pois, operadores causando perdas de palavras na linguagem" (N. C. S., p. 43).



Essa recusa da ausência explica que o apagamento não está, em Harris, na constatação de uma ausência (fundamento tradicional das concepções sobre a elipse). E ainda mais, se houver incompletude em razão do apagamento, ela se faria sentir mais do ponto de vista de uma exigência de análise metalingüística das operações construtoras das seqüências do que em referência a um esquema qualquer tradicional de análise da estrutura proposicional (cf. supra, § 2. 1).

## 2.5. Ligações entre estrutura desenvolvida e forma reduzida, ou: o preço da regularização

O recurso às transformações parafrásticas (em particular, ao apagamento) permite, como já vimos, uma regularização das seqüências lingüísticas. O interesse de tal regularização aparece evidente se mantivermos presente no espírito os objetivos (tratamento automático dos textos, extração de informação) que estiveram sempre subjacentes às pesquisas de Harris.<sup>6</sup>

As seqüências de referências (discurso de concatenação), das quais todas as outras seqüências constituem “reduções parafrásticas”, são concebidas, o máximo possível, como seqüências desenvolvidas, regulares e explícitas. “Toda a informação necessária à interpretação está (nela) explicitada”, observa Gross na sua Apresentação ao N. C. S. (p. 9), e Harris fala a esse respeito de “estrutura transparente” (p. 58).

Somos facilmente tentados a conceber os discursos de concatenação como representações metalingüísticas subjacentes das seqüências lingüísticas e a aplicação das transformações aparentam-se, assim, a um processo de geração do lingüístico a partir do metalingüístico. Se Harris fala, ele próprio, de “analisar”, de “obter”, de “derivar” tal seqüência a partir de tal discurso de concatenação, e declara igualmente que “um discurso possui dois níveis de estrutura, uma estrutura *subjacente* de concatenação e uma mudança de forma *aparente*” (p. 40), ele se defende, por outro lado, dizendo que se trata de uma “derivação histórica”, simulando as etapas efetivas de produção/compreensão (M. S. L., p. 84 e 96) e até mesmo de uma “derivação descritiva” (N. C. S., p. 160).

“Apesar do termo “fonte” ser utilizado por comodidade (...), a intenção não é propor aqui uma simples derivação descritiva, menos ainda uma derivação histórica, mas mostrar que existe uma frase construída por meio de operadores (transformacionais) que só difere da frase-fonte pelas variantes dadas, e que é dela uma paráfrase” (p. 160); ou ainda:

“É menos natural considerar os discursos de concatenação como estando sempre na origem de todos os outros discursos. Nós os consideraremos muito mais como representantes distintos das classes de equivalência de discurso” (p. 38).

Assim como no caso da elipse, a regularização operada pelo recurso ao apagamento coloca o problema da relação entre estrutura reduzida (ou incompleta) e estrutura desenvolvida (ou canônica). Dois casos são teoricamente possíveis: ou bem, a estrutura de base constitui uma representação metalingüística subjacente da estrutura

reduzida, e, então, temos uma relação do tipo *geração* formal; ou bem, a estrutura de base caracteriza uma estrutura lingüística desenvolvida aparentada (por relações a definir) à estrutura reduzida, e, então, temos uma relação do tipo *paráfrase* entre seqüências lingüísticas. Nos fatos, as coisas não são freqüentemente separadas desse modo, e a teoria de Harris parece exatamente apresentar um misto desses dois casos, uma vez que a estrutura de base corresponde tanto a um tipo de seqüência lingüística (ela define um tipo de “discurso”), quanto contém ao mesmo tempo elementos de natureza metalingüística, expressos em língua natural. Temos, pois, uma relação com estatuto mal definido, uma espécie mista de engendramento e de paráfrase cuja caracterização mais aproximativa seria, provavelmente, a de glosa<sup>7</sup>. Sem dúvida, esse desafio da colocação de uma metalingüa não distinta da língua, por mais sedutor que seja, é ele próprio uma aposta: pensemos, do ponto de vista prático, no peso inevitável das glosas (se quiséssemos glosar a totalidade das operações em jogo em um enunciado, mesmo simples, a sua representação se tornaria ilegível e inútil), e, do ponto de vista teórico, na impossibilidade de atingir a total univocidade desejada, justamente em consequência do recurso à língua natural.

Vemos que os problemas-chave da semântica estão no âmago dos empreendimentos lingüísticos formais, e dão suporte à execução de procedimentos extremamente técnicos. A testemunha disso são os desafios na teoria harrissiana da transformação de apagamento, versão moderna da elipse.

#### NOTAS

1. Em 1968 (M. S. L.), a estruturação sintática é dada justamente no início pelo núcleo (para as estruturas sintáticas elementares), e construída por transformações incrementais (para as estruturas sintáticas complexas); as transformações parafrásticas intervêm necessariamente após as incrementais. Desde 1976 (N. C. S.), toda a estruturação sintática é construída pelas operações de base, que liberam os “discursos de concatenação”, por concatenação de predicções lingüísticas e metalingüísticas; os operadores transformacionais são, entretanto, todos, parafrásticos, e constroem apenas “variantes” dos discursos de concatenação. O papel das transformações parafrásticas permanece, pois, fundamentalmente o mesmo (elas operam reorganizações menores e semanticamente não pertinentes sobre uma estruturação prévia), embora a concepção do conjunto do modelo tenha sido suficientemente modificada (passagem de um núcleo sintaticamente elementar a uma base construída, sintaticamente complexa; de transformações “horizontais” entre seqüências lingüísticas a transformações mais “verticais” entre um sub-conjunto distinto de seqüências com estatuto misto [lingüísticas/metalingüístico] e todas as outras seqüências; restrição da transformação à única relação de paráfrase, por eliminação das transformações incrementais).
2. Quando um elemento é repetido, podemos, sob certas condições, pronominalizá-lo ou apagá-lo; trata-se nos dois casos de uma “redução” (à forma pronominal ou a zero). As reduções a zero podem incidir sobre outra coisa, diferente de um elemento repetido, nesse caso elas não alternam com a pronominalização. Em 1968 (M. S. L.), reduções a zero e pronominalizações são reagrupadas sob a rubrica de operadores transformacionais parafrásticos de “apagamento”; em 1976 (N. C. S.), “apagamento” e “pronominalização” constituem dois tipos distintos de “variantes plurívocas”. Na seqüência de nosso artigo, não consideraremos os casos de pronominalização, mas somente os de redução a zero, que se enquadram de modo mais evidente na questão da elipse.

3. Em 1968 (M. S. L.), Harris distingue, entre as transformações parafrásticas, os “apagamentos” e as “permutações”; em 1976 (N. C. S.), distingue as “variantes plurívocas”, “pronominalização” e “apagamento”, e as “variantes unívocas”, “vinculação” e “permutação”. A combinação desses dois tipos de variantes é muito freqüente. Podemos citar, como lembrete, a existência de um terceiro tipo de transformações parafrásticas, suficientemente marginal: os operadores “morfofonemáticos” (para os fatos de alofonia e alomorfa, ...).
4. Foi desse modo que Harris apresentou os fatos em seu recente trabalho de 1982, *A Grammar of English on Mathematical Principles*, opondo o “zerar repetitivo” (pp. 136 e seguintes) ao “zerar de baixa informação” (pp. 150 e seguintes). A evolução de Harris manifesta-se na caracterização da segunda série: em 1968 (M. S. L.), não classifica as “disjunções de palavras” entre as “constantes” como o fará em 1976 (N. C. S.). Em compensação, trata como apagamento de “constante” certos (por exemplo: a construção de nomes compostos) que ele irá considerar em 1976 como os casos de apagamento de “palavras apropriadas”.
5. Essas operações de meta-discurso determinam se o primeiro membro de frase contém a “mesma palavra” (identidade de referência virtual) ou o “mesmo indivíduo” (identidade de referência atual), que o segundo membro de frase e, no caso positivo, se as posições da “mesma palavra” ou do “mesmo indivíduo” são correspondentes ou não, nos dois membros da frase.
6. Isso explica sem dúvida o aspecto “catálogo” da apresentação dos fatos de apagamento, cuja aridez nos contentamos aqui em reproduzir. Mesmo se certos casos de impossibilidade são analisados (como, por exemplo, *Ele pegou um guarda-chuva e um lenço* mas não *\*Ele pegou um guarda-chuva e um trabalho*, onde o verbo *pegar* tem dois estatutos diferentes, respectivamente um verbo pleno e um auxiliar aspectual) seria preciso também que cada exemplo apresentado tivesse uma análise aprofundada. Em vários casos o tratamento proposto não é absolutamente convincente (cf. por exemplo, a superficialidade no tratamento da relação entre estilo direto e estilo indireto, ou entre formas “tipo-performativo” que explicitam um ato de fala dado, e o verbo simples correspondente que, na melhor das hipóteses o subentende etc). Na ausência de uma análise refinada, e de uma argumentação pertinente, o trabalho deixa o leitor insatisfeito.
7. Para um esboço das diferenças entre “paráfrase” e “glosa” ver C. Fuchs: *La Paraphrase*, pp. 170-172.

---

FUCHS, C. Une version transformationnelle de l'ellipse: L'effacement chez Harris. *Alfa*, São Paulo, v. 35, 187-197, 1991.

*RÉSUMÉ: La syntaxe transformationnelle de Harris ne fait pas appel à la notion d'ellipse. Mais elle réserve une place explicite et un traitement spécifique aux faits dits d'effacement (dont nous esquisserons une typologie au § 1). Cette approche des "faits d'effacement" renvoie à un ensemble de questions théoriques où se retrouvent celles que posait le recours traditionnel à la notion d'ellipse (§ 2).*

*MOTS-CLÉS: Effacement; ellipse; transformation paraphrastique.*

---

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. FUCHS, C. *La paraphrase*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
2. HARRIS, Z. *Mathematical Structures of Language*. New York: Wiley, tradução francesa feita por C. Fuchs, 1971: "Structures Mathématiques du Langage". Paris: Dunod. 1968.
3. HARRIS, Z. *Notes du Cours de Syntaxe*. Tradução feita por M. Gross, Paris: Le Seuil, 1976.
4. HARRIS, Z. *A Grammar of English on Mathematical Principles*. New York: Wiley, 1982.